



ISSN 1984-5634

ARTIGO LIVRE

MEDIEVALISMO (S) E PROJETOS DE HISTÓRIA PÚBLICA: APORTES RECENTES DA MEDIEVALÍSTICA BRASILEIRA

Medievalism (s) and Public History projects: recent contributions from Brazilian medievalism

LÉO ARAÚJO LACERDA*

RESUMO:

Este artigo propõe apresentar alguns projetos de história pública em curso contribuindo com o rastreio de propostas que incorporam as reapropriações temáticas sobre a temporalidade *media aetas*. A análise busca fornecer ao leitor o panorama parcial sobre as recentes práticas de divulgação histórica na medievalística brasileira, vinculadas aos cursos de História, considerando as seguintes instituições universitárias: UFPEL, UNIPAMPA, UFSM, UFMT e Unicamp/USP. Por conseguinte, é possível destacar três desdobramentos dos mencionados projetos: 1) a divulgação do conhecimento; 2) a democratização e facilidade de acesso aos conteúdos e informações sobre as temáticas relacionadas a História Medieval, e 3) a viabilização de uma narrativa não polarizada entre uma época de esplendor e decadência.

PALAVRAS-CHAVES: Medievalismos; Idade Média; História Pública.

ABSTRACT:

This article proposes to present some ongoing public history projects, contributing to the screening of proposals that incorporate the thematic reappropriations on *media aetas* temporality. The analysis seeks to provide the reader with a partial overview of recent practices of historical dissemination in Brazilian medieval studies, linked to History courses, considering the following university institutions: UFPEL, UNIPAMPA, UFSM, UFMT and Unicamp/USP. Therefore, it is possible to highlight three consequences of the aforementioned projects: 1) the dissemination of knowledge; 2) the democratization and ease of access to content and information on themes related to Medieval History, and 3) the feasibility of a non-polarized narrative between a time of splendor and decadence.

KEYWORDS: Medievalisms; Middle Ages; Public History.

EDITOR-CHEFE:

Vicente da Silveira Detoni

EDITORA-GERENTE:

Renata dos Santos de Mattos

SUBMETIDO: 02.09.2021

ACEITO: 22.12.2021

COMO CITAR:

LACERDA, L.A. Medievalismo (s) e projetos de História Pública: aportes recentes da medievalística brasileira. *Aedos*, v.14, n.32, p.272-286, jul.–dez., 2022.

<https://seer.ufrgs.br/aedos/>

* Doutorando do Programa de Pós-Graduação em História pela Universidade Federal de Pelotas (PPGH/UFPEL). Mestre e Licenciado em História pela Universidade Federal de Pelotas. Membro do Polo Interdisciplinar de Estudos sobre o Medievo e Antiguidade (POIEMA/UFPEL). ORCID iD: 0000-0002-9617-9847. E-mail: leoaraujolacerda@gmail.com.

A pesar do contínuo desacordo com a utilização do termo “Idade Média” na historiografia devido às suas conotações negativas, aduzindo a um momento de transição, um tempo intermediário, isso não impediu o seu emprego recorrente nas publicações especializadas sobre o medievo. Sem embargo, seu uso se limita ao de uma categoria hermenêutica que “[...] dificilmente faz justiça à complexidade dos desenvolvimentos históricos, à multidão de convulsões de novas abordagens, à simultaneidade de tradição e inovação no período em questão” (KLEIN, 2005, p. 1, tradução nossa)¹.

Essa constatação não se trata de nenhuma novidade, visto que Marc Bloch apontava que tal terminologia tinha uma conveniência discutível, não indo além de uma modesta função pedagógica vinculada às percepções públicas. Isso se deve ao reconhecimento alcançado pela facilidade de associação do termo a um marco cronológico: “a Idade Média, na verdade, vive apenas de uma humilde vidazinha pedagógica: contestável comodidade de programas, rótulo, sobretudo, de técnicas eruditas, cujo campo, a propósito, é bastante mal delimitado pelas datas tradicionais” (BLOCH, 2001, p. 149). Esta postura de Bloch em sua obra póstuma é assertiva; entretanto, sua definição de medievalista é irreconciliável com os atuais desenvolvimentos da área. Para este autor, o medievalista bastaria ser um “[...] ‘homem’ que sabe ler velhas escrituras, criticar um documento, compreender o francês arcaico” (BLOCH, 2001, p. 149). Hoje, o exercício deste profissional, longe de se restringir ao domínio de línguas e a análise de documentos particulares a um recorte clássico do século V ao XV, envolve também a compreensão do pós-vida das representações e usos deste passado na configuração do real e na constituição de uma “cultura histórica”, bem como o conhecimento e emprego de tecnologias na mediação entre esse saber e as mídias digitais.

Muitas mudanças foram introduzidas na relação daqueles pesquisadores com seu objeto de estudo, levando a uma desconcertante atualidade do medievalismo. Neste sentido, são ecos desse processo de popularização da Idade Média as produções de séries de *streaming* – *Marco Polo* (Netflix, 2014-2016), *The Last Kingdom* (BBC, 2015), *Disenchantment* (Matt Groening, 2018-2021), *Vikings* (Michael Hirst, 2013), *The Lord of the Rings* (Peter Jackson, 2001-2003) – e os jogos virtuais como *Carcassonne* e *World of Warcraft*². Outro modo de se aproximar de um público cada vez mais tecnológico é o recurso de conversas temáticas através de *podcasts* (Medievalíssimo, *Translatio Cast*, dentre outros), *lives* e cursos de extensão que privilegiam a História e a cultura medieval em plataformas digitais.

Dessa forma, este artigo pretende fornecer ao leitor um panorama parcial a partir da seleção de alguns projetos de história pública concernentes à medievalística brasileira, sobretudo no que tange às suas recentes práticas de divulgação histórica.

Mesmo em um país latino-americano como o Brasil, aparentemente um terreno inóspito ou improvável para a reflexão medievalística, ausente de um passado medieval e distante da cultura material oriunda deste passado, tais referências, longe de não poderem ser acessadas, estão largamente disponíveis tanto aos pesquisadores acadêmicos, que empregam fontes primárias armazenadas em repositórios virtuais, quanto ao público em geral, a partir de diversas modalidades de manifestações

1 Original: “Inzwischen hat sich zwar schon lange die Einsicht durchgesetzt, dass ein solcher Epochenbegriff als hermeneutische Kategorie nur begrenzt tauglich ist; der Komplexität der historischen Entwicklungen, der Vielzahl von Umbrüchen und Neuansätzen, der Gleichzeitigkeit von Tradition und Innovation im fraglichen Zeitraum wird er kaum gerecht”.

2 *Game of Thrones* (GoT) não está listado, pois ainda que o público em geral e, inclusive, alguns medievalistas o associem à Idade Média, este produto cultural não dá conta nem mesmo enquanto representação dessa realidade histórica, como veremos a seguir no artigo. Trata-se de um claro equívoco associativo.

da cultura *pop* através das mídias de massa (SILVA, 2018). Assim, para Altschul, Bertarelli e Amaral (2021), compete ao medievalista analisar quaisquer manifestações que remetam a Idade Média, desde o século XVI, como sendo formas de medievalismos/neomedievalismos:

Aqui, não temos castelos medievais, não temos guerreiros mitológicos, não precisamos tê-los. O que é fundamental que possamos fazer é compreender como um complexo mecanismo de apropriações de um imaginário, já inventado e mobilizado, desde o século XVI, produziu algo novo e *sui generis* deste lado do Atlântico (ALTSCHUL; BERTARELLI; AMARAL, 2021, p. 13).

Deste modo, perspectivas que anteriormente haviam sido construídas em torno da impossibilidade de se pesquisar essa temporalidade (PINSKY, 1979) foram revisadas, a ponto de causar espanto uma constatação dessas³. Nestes termos, podemos compreender como apressada e irresponsável a busca pela definição de balizas a este campo teórico - como sugerido por Pinsky em 1979, uma vez que os estudos do medievalismo e do neomedievalismo se tornaram extremamente fecundos daquelas tentativas.

No entanto, a disponibilidade cada vez maior de tais materiais produz dilemas contínuos: o principal deles se refere à instrumentalização deste passado para fins pouco respeitáveis no debate político, especialmente por parte das ideologias de extrema-direita e o nazismo, construindo mitos políticos e servindo de sustentação a projetos nacionalistas⁴. Assim, a Alemanha do Terceiro Reich, por exemplo, vinculou sua linguagem política a uma Idade Média imaginada: Heinrich Himmler (1900-1945), chefe da SS, considerava a sua milícia armada como tributária da cavalaria medieval; o *Führer*, considerando-se herdeiro dos antigos soberanos germânicos, pretendeu construir o “Reich de mil anos”, isto é, uma Alemanha Eterna. Além disso, as reuniões do Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães (NSDAP) ocorriam em Nuremberg, uma cidade medieval.

O passado medieval frequentemente é utilizado de modo reprovável e de forma a interferir na política contemporânea, inclusive no emprego de representações mentais por supremacistas brancos, como ocorreu em 2017 na marcha da extrema-direita de Charlottesville (Virgínia, EUA), também conhecida como “Manifestação *Unite the Right*”. Nessa caminhada, verificou-se o uso de símbolos que referenciavam o Sacro Império Romano e os Templários, e, em meio a estes, a participação de membros da Ku Klux Klan que, além de promoverem ações em favor de uma nação embranquecida, coordenavam atos de violência às populações negras estadunidenses (LITTLE, 2017)⁵. Nesse sentido, o ofício do medievalista passa a se desdobrar em outras frentes, dentre elas, a sua tarefa de escavar os “sedimentos” que recobrem a noção de Idade Média, sendo o combate às apropriações perniciosas um elemento chave no seu campo de ação.

3 Vide Jaime Pinsky (1979) no livro ‘O Modo de Produção Feudal’: “Poderá parecer estranho para muitos, talvez mesmo abusivo, o fato de nossas Universidades dedicarem grande parte de seus cursos de História à Idade Média [...]. Assim sendo, de uma Universidade Brasileira jamais surgirá um medievalista, o que não importa em dizer que seja impossível fornecer cursos sérios e honestos sobre o passado medieval [...]. Não será ocioso lembrar que é no convívio cotidiano das fontes e através de um longo exercício de reflexão teórica que se forja o historiador” (PINSKY, 1979 p. 11).

4 Para ampliar a compreensão desse tópico, leia-se a reportagem: ALTARES LUCENDO, Guilherme. A raivosa atualidade da Idade Média. Ultradireita procura no passado remoto justificativa para suas políticas atuais. *El País*, Madrid, 27 jul. 2019. Online. Acessado em 11 jul. 2020. Disponível em <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/07/19/internacional/1563535022_261422.html>.

5 LITTLE, Becky. How Hate Groups are Hijacking Medieval Symbols While Ignoring the Facts Behind Them. *History*, dez. 2017. Online. Acessado em 20 dez. 2021. Disponível em <<https://www.history.com/news/how-hate-groups-are-hijacking-medieval-symbols-while-ignoring-the-facts-behind-them>>.

Alguns historiadores como Luis Weckmann (1999) tentaram perceber sobrevivências ou heranças culturais deste momento histórico na América, recebendo duras críticas de colegas. Jérôme Baschet (2006), por exemplo, expôs as fragilidades da proposta de abordagem comparativa desenvolvida por Weckmann, ao concluir que “[...] permanece muito distanciado de um verdadeiro empreendimento comparativo” (BASCHET, 2006, p. 31). No Brasil, reputados medievalistas envolveram-se em questões controversas, como Hilário Franco Júnior no artigo “Raízes Medievais do Brasil” (2008), em uma pretensa releitura crítica da obra de Sérgio Buarque de Holanda, a quem considerou no mencionado artigo como o maior historiador brasileiro. Na análise da obra, Franco Júnior acusa aquele de ter incorrido em uma “distorção de perspectiva”, propondo recuar para antes de 1500, “ampliar o campo temporal observado”, “perceber o Brasil não a partir do seu nascimento, mas da sua gestação” e, enfim, mapear suas origens medievais (2008, p. 81-82, 84)⁶. Assim, para sustentar a argumentação, Hilário cita o compositor Nelson Rodrigues a fim de explicar que o menosprezo do brasileiro pela sua “faceta medieval” viria de um complexo de “vira-lata”. Ora, tal viés é totalmente equivocado, não só porque nunca houve uma Idade Média à brasileira, nem as raízes de manifestações particularmente brasileiras podem ser buscadas neste período.

Contudo, diferentes demarcações foram propostas para marcar os limites finais dessa temporalidade: identificam-se desde perspectivas marxistas que adotaram o desenvolvimento de uma forma produtiva distinta como baliza cronológica (Henry Pirenne em 2010, Perry Anderson em 1987, dentre outros), até marcos cronológicos significativos como a invenção de tipos móveis por Gutenberg (1450), a tomada de cidade de Constantinopla pelo turcos-otomanos (1453), a chegada dos europeus à América (1492) - a qual terá consequências que só serão percebidas depois de 1520. Há também marcos no século XVI, a exemplo da publicação das 95 teses de Lutero em Nuremberg (1517) – que, ao invés de uma nova heresia, acarreta no surgimento de uma nova religião -, e da Guerra das comunidades de Castela, ou Revolta dos Comuneiros (1520-21), considerada a primeira revolução burguesa.

Por outro lado, historiadores como Jérôme Baschet (2006) e Jacques Le Goff (2005) propuseram um prolongamento do período que necessariamente avançaria sobre a modernidade, segundo a divisão tripartida da História. Jacques Le Goff, baseado na ideia de longa duração das mentalidades de Fernand Braudel, enfatizou a “longa duração” do período, cujas últimas reverberações poderiam ainda ser observadas no século XIX. Nesse sentido, o Renascimento do século XV não seria o desfecho/ruptura de uma temporalidade, mas a última etapa de uma série de renascimentos conhecidos por um longo período medieval, estendendo-se até cerca metade do século XVIII. Porém, ainda que o reconhecimento por Le Goff de vários renascimentos seja importante, a própria noção de “Renascimento” é problemática já que induz a conclusão de emergência de algo novo, ausente nos momentos imediatamente anteriores, e, somado ao qualificativo “cultural”, sugere a este período, portanto, a ausência de produções culturais e artísticas consideráveis. Nessa vertente, seu orientando Jérôme Baschet inclui as navegações dentro do leque de fatos abarcados pelo medievo, terminando na segunda metade do século XVIII com o Iluminismo e a Revolução Francesa (BASCHET, 2006).

⁶ No entanto, ele percebeu a intenção de se afastar do medieval em favor de uma proximidade com o Renascimento, e que, quando necessário o distanciamento temporal, o passado escolhido é o da Antiguidade Clássica.

Desse modo, a forma adequada está em compreender essas manifestações culturais nas Américas e, em particular, no Brasil, como “recepções”, apropriações de uma temática e *topos* cuja inspiração se conectam, ou pretendem se conectar, a esse passado. Assim, uma definição pertinente de *Mittelalterrezeption* é apresentada por Rolf Köhl (1991), que a considera “não somente percepção e representação da história, mas também discussão e apropriação ou rejeição; portanto, toda mediação e presentificação do passado” (KÖHN *apud* SILVA, 2016, p. 4).

Outro desses exemplos, as Cavalhadas, analisadas por José Rivair Macedo (2008), como uma forma de “transplantação cultural”, resultado de um longo e complexo processo de assimilação e apropriação, reencenam a luta entre cristãos e mouros no centro-oeste e nordeste brasileiro (MACEDO, 2008). Em Pirenópolis, no estado de Goiás, em um país que nunca experimentou uma realidade medieval, a cada ano reencena-se uma suposta batalha medieval que rememora a batalha de Roncevaux (778) nos Pirineus. A própria batalha já é igualmente complexa tendo em vista que o texto literário consiste no poema épico, uma canção de gesta, que relata os feitos de um herói, Rolando [sobrinho de Carlos Magno], datado do século XI, enquanto que a ambientação do conflito narrado se dá na era carolíngia, isto é, pelo menos 300 anos antes. Além disso, a historiografia sobre o conflito aponta que os francos teriam enfrentado populações bascas também cristãs, e não um inimigo sarraceno. Desse modo, a apropriação deste combate no imaginário social e sua adaptação à terra *brasilis* do século XVII em diante emergiu de um equívoco histórico baseado na concepção de um choque civilizacional. Tais batalhas consistem no duelo de doze cavaleiros de azul, representando cristãos, e outros doze cavaleiros com traje vermelho, denotando os mouros. O número de combatentes vincula-se à quantidade de cavaleiros que lideraram o exército franco durante o conflito. No entanto, as vestimentas utilizadas durante os torneios caem em uma malfadada tentativa de se conectar ao medievo, a medida em que se aproximam mais às de um francês do século XVIII. Como Ronaldo Amaral afirma, “[...] ver nas cavalhadas do nordeste do Brasil a presença crassa da belicosidade e da religiosidade medievais, assim como nas capitanias hereditárias uma forma de produção feudal, é anacronismo” (AMARAL, 2011, p. 447).

Em um artigo recentemente traduzido ao português, Richard Utz preconiza o fim das fronteiras entre os Estudos Medievais e o Medievalismo, como constatação do perfil de uma nova geração de medievalistas em atuação, e o declínio da escrita tradicional da história medieval (UTZ, 2019). Além disso, Utz questiona a neutralidade científica pretendida pelos pesquisadores tradicionais ao construírem divisas entre ambas as perspectivas à custa de narrativas pouco eficazes, já que nunca conseguiram, de forma efetiva, dissipar pressuposições e preconceitos advindos do senso comum em relação ao próprio recorte temporal investigado. Assim, Utz se pergunta qual a relevância de se produzir uma história que, ao desconsiderar o Medievalismo, sufoca a possibilidade de diálogo com o público, aspecto tão vital para erigir um posicionamento crítico e desmanchar equívocos que se emaranham e cujas origens se perdem no tempo:

[...] Será realmente menos confiável ou importante do que trabalhos fundamentados por notas de rodapé, sobre como toda literatura e arte medieval criada precisa ser lida de acordo com os princípios da exegese patristica? Será que o megaprojeto do entusiasta Michel Guyot de construir um castelo medieval a partir do zero no norte da Borgonha (Guedelon), durante um período de trinta anos, com base em planos de construção do século XIII e sem tecnologia moderna é menos relevante ao nosso

entendimento sobre cultura medieval, do que mais de 50 ensaios obcecados sobre quem poderia ser o autor “real” do anônimo *Saint Erkenwald, Nibelungenlied*, ou o Cantar de Mio Cid? Ainda pergunto: **quão útil tem sido nosso isolamento do público em geral nos últimos 200 anos da Academia, principalmente com pesquisas disseminada entre nós, fornecendo evidências detalhadas de que o *ius primae Noctis* ou o “direito da primeira noite do senhor” nunca foi realmente praticado, mas foi um dispositivo fictício e legal inventado pela nobreza tardo-medieval, para que todas essas provas acadêmicas sejam obliteradas por um único minuto do filme *Coração Valente* de Mel Gibson?** (UTZ, 2019, p. 246, tradução de Barbara Roma, grifo nosso).

Conforme observa Utz (2019), frequentemente o interesse prático do público não acadêmico, combinado com a dificuldade do medievalista em comunicar-se com este, resulta numa eficácia maior da narrativa fílmica, pouco fidedigna, gerando um descompasso em relação às informações oriundas dos árduos esforços investigativos de pesquisador.

MEDIEVALISMOS E HISTÓRIA PÚBLICA

As pessoas comuns tem contato com a Idade Média a partir de personagens advindos da literatura e do cinema, como Robin Hood, Merlim, Rei Arthur, ao invés daqueles historicamente situados como Afonso X, Carlos Magno e Frederico II, por exemplo. Da literatura de cordel até o fundo do mar na animação Bob Esponja (Stephen Hillenburg, 2007), as crianças são convidadas a viver uma “aventura medieval”, a conhecer um medievo particular, readaptado a cenários fantasiosos, subvertido, tornado a dizer o que nunca foi, a reencenar e deslocar dilemas e tensões do presente. Tudo isso torna claro o agudo desprezo pelo conhecimento acadêmico desse período histórico que contrasta com o seu crescente interesse comercial, em franquias que exploram seus *topoi* narrativos, oferecendo uma experiência de retorno a uma época distante. Desse modo, como salienta Ingrid Bennewitz (1991): “a recepção da Idade Média não deve ser vista como prova de interesse na Idade Média, mas como um momento de interesse na usabilidade da Idade Média, seus mitos e utopias, sob um aspecto especial da ideologização contemporânea” (p. 95, tradução nossa)⁷. Assim, a usabilidade da Idade Média esteve e continua vinculada a interesses diversos (crítica à modernidade, mercadoria estética, representações políticas, entre outros), frequentemente dissociada de uma compreensão acadêmica dos seus aspectos socioculturais e históricos particulares.

A relação de desprezo pela Idade Média permeou o relacionamento de apologistas e detratores que mediarão suas aspirações na construção de uma narrativa sobre esse passado através do ocultamento das especificidades históricas em favor de seus interesses particulares (ALMEIDA, 2010). Dessa Idade Média pública, duas imagens predominam: uma de desprezo e outra de supervalorização. A primeira forma pela qual a Idade Média é conhecida pelo público é a negativa, chamada de “*Dark Ages*”. Segundo essa perspectiva, a Idade Média seria, portanto, uma longa noite de mil anos, essa escuridão repentina que tomou forma após o colapso abrupto do Império Romano do Ocidente e cuja única claridade viria das fogueiras inquisitoriais de uma era de fanatismo e ignorância, de perseguição aos hereges, enfim,

⁷ Original: “Die Rezeption des Mittelalters hat im wesentlichen nicht als Ausweis für ein Interesse am Mittelalter zu gelten, sondern vielmehr als Moment des Interesses an der Verwertbarkeit des Mittelalters, seiner Mythen und Utopien unter einem speziellen Aspekt zeitgenössischer Ideologisierung”.

de caça às Bruxas. Destarte, quem sem hesitação não se sentiria compelido a defender os camponeses explorados por senhores perversos, estes servos maltrapilhos e pestilentos, vivendo em choupanas frias e sujas enquanto seu suserano expropriava suas rendas ao luxo de um ostentoso e confortável castelo.

O ápice do absurdo para Régine Pernoud era “[...] esse homem da terra, este ser apagado, anônimo, de quem os textos não falam”, que passava o dia “[...] a bater os lagos para fazer calar as rãs que impediam o senhor [feudal] de dormir” (1977, p. 79-80). Se a estupidez desses atos insensatos não forem provas do “barbarismo” dessa Idade das Trevas – o fim da civilização –, talvez o possam ser as imagens apocalípticas do fim de um mundo iminente, destroçado por bárbaros incivilizados e cruéis, permanentemente castigado pelo divino, assolado por pestes, guerras e fomes. “Os vivos esperavam apenas a morte em todos os lugares, cemitérios foram sufocados com cadáveres, a escala da morte convenceu aqueles que viviam chorando e lamentando os eventos amargos que o Julgamento Final havia chegado”: assim foram descritos os acontecimentos relacionados a Peste Bubônica pelo documentário *The Black Death* (2016), que sentenciava, em sua abertura, ser este um mundo sem esperança aparentemente abandonado por Deus. O “exotismo” não termina aí: flageladores em sessões de chicoteamento coletivo provocam lacerações e dor para apagar a culpa cometida, livrar-se do pecado e aparentemente acalmar um Deus irado que se engrandece com a dor humana.

Contudo, a perspectiva de Régine Pernoud, elaborada entre os anos 60 e 70 do século XX, deve ser contrastada com as recentes reflexões produzidas e expressas em dossiês sobre medievalismo/neomedievalismo, como ‘Antíteses’ (2020)⁸ e ‘Signum’ (2021)⁹, que destacam a necessidade de análise da recepção de discursos acerca deste passado. Assim, carregados de significados vinculados sobretudo ao momento de produção discursiva e a intencionalidades variadas, o resultado deste enquadramento é a mutabilidade constante nas características particulares dessa temporalidade.

Durante o Romantismo, no século XVIII, ocorreu uma significativa transformação na forma como o medievo era percebido. Passou-se a uma terra de fantasias e de heroicos cavaleiros que combatem dragões e lutam por donzelas em perigo. Esse momento histórico até então grotesco, bárbaro e gótico, em referência às produções realizadas pelos godos, vestiu uma nova roupagem e tornou-se uma nova idade média, positivada, uma era das mil maravilhas. As duas representações possíveis desse momento histórico são apenas uma amostra de muitas outras imagens pós-medievais que alimentam o imaginário contemporâneo e que, no entanto, sendo formas de sonhar este passado, acabam por atribuir conotações e significados muito distintos daqueles que homens e mulheres medievais conheceram. Desta maneira, “[...] aquilo que algumas obras de ficção colocam em cena adquire às vezes um caráter imutável, arquetípico, quase mitológico, em torno do qual se constroem não só nossos sonhos e sensibilidades, mas também uma parte de nossos saberes” (PASTOUREAU, 2006, p. 367, tradução nossa).

Conforme destacou-se Jérôme Baschet (2006) devemos escapar desta narrativa enviesada elaborada sobre a temporalidade em questão:

8 Dossiê: Medievalismo(s), neomedievalismo e recepção da Idade Média em períodos pós-medievais. *Antíteses*: v. 13, n. 26, 2020. Online. Acessado em 20 dez. 2021. Disponível em <<https://www.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses/issue/view/v.%2013%2C%20n.%2026%20%282020%29>>.

9 Dossiê: Neomedievalismo em Países Sem Medievo: Idade Média na América. *Signum – Revista da ABREM*: v. 22, n. 1, 2021. Online. Acessado em 20 dez. 2021. Disponível em <<http://www.abrem.org.br/revistas/index.php/signum/issue/view/32>>.

A Idade Média não é nem o buraco negro da história ocidental nem o paraíso perdido. É preciso renunciar ao mito tenebroso tanto quanto ao conto de fadas. Não se pode sair dessa alternativa enviesada sem compreender como e por que se formaram esta má reputação tenaz da Idade Média e seu reflexo invertido (BASCHET, 2006, p. 24-25).

Em 1973, no ensaio “*Dreaming of the Middle Ages’: An unpublished fragment*”, Umberto Eco fornecia taxonomia a partir de dez formas pelas quais o passado medieval é objeto de recriação, isto é, de construções pós-medievais. Mais recentemente, Nilton Mullet e Marcelo Giacomani propuseram como metodologia para análise das organizações discursivas o conceito de “dispositivo de medievalidade” de forma a circunscrever o conjunto de práticas discursivas e não discursivas sobre o medievo.

Além desses curiosos casos já mencionados, a proliferação de tabernas e menus que pretendem abraçar esse momento, assim como a organização de feiras medievais que como *topos* desse imaginário explorando lugares-comuns para produzir um “efeito de real”, acabam por constituir uma hiper-realidade. Nas feiras ditas medievais, por exemplo, o uso de vestidos longos, aves de caça e hidromel pretendem fornecer o elo entre o hoje e a Idade Média, ainda que seja impossível reconstituir as tessituras do tempo histórico recompondo fragmentos indistintos e anacrônicos a fim de formar uma unidade cujo sentido deve se ligar a algo ausente e desconhecido na penumbra dos sonhos e fantasias. Umberto Eco ilustra de forma bastante apropriada esse intento de refazer ou de presentificar um passado que já inexistiu e o seu caráter ilusório, criando “castelos encantados”, assim sendo “[...] esse corpo-a-corpo com a história, ainda que patético, é injustificável, porque a história não se imita” (1984, p. 37).

Segundo esse autor, a supressão da distância temporal e as suas conotações anacrônicas são sustentadas por mecanismos hiper-reais. Tais mecanismos, além de proporcionarem uma imitação da realidade, pretendem ocultar as diferenças entre o original e a cópia ao ponto de que esta possa ser considerada mais real que o seu arquétipo. Assim, para a sociedade atual, a fabricação da “falsificação absoluta” deve satisfazer os desejos de apreensão do real ocluindo os limites do real e o imaginário: “[...] o desejo espasmódico do Quase Verdadeiro nasce apenas como reação neurótica ao vazio das lembranças, o Falso Absoluto é filho da consciência infeliz do presente sem consciência” (ECO, 1984, p. 40). Desse modo, para acrescentar lucidez a essa discussão, a análise de Walter Benjamin é bastante próspera ao relatar os limites da narrativa histórica: “articular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘como ele de fato foi’. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo” (1994, p. 224).

Os vitorianos já esboçavam a preocupação de uma construção idealizada tanto de um passado medieval quanto de um presente idealizado, envolvendo-se em um acalorado debate. Como observa Julie Pridmore, “[...] nenhum período foi usado de maneira tão promíscua e não histórica no século XIX como a Idade Média” (2000, p. 84, tradução nossa)¹⁰. Complexidade e diversidade caracterizam as origens e manifestações desse reavivamento medieval, dentro do qual pretendeu-se também constituir um modelo de masculinidade ideal, atingível, sobretudo, pelos membros das classes altas através dos combates sangrentos em justas e batalhas (PRIDMORE, 2000).

10 Original: “[...] No period was used so promiscuously and unhistorically in the nineteenth century as the Middle Ages”

No campo dos estudos medievais, Matthew Gabriele, por exemplo, considera absurda a utilização de expressões como História Pública ou Idade Média Pública para qualificar essa produção recente que alcançou a cultura de massa: “não existe Idade Média Pública, não existe História Pública, porque ambos estão em toda parte. É um truísmo (ou deveria ser) dizer que o passado foi, é e sempre será uma construção do presente” (GABRIELE, s/d, s/p, tradução nossa)¹¹. Desse modo, preconiza que essa discussão em torno de um rótulo a mais deve ser relegada a um plano secundário em favor das práticas em curso pelos acadêmicos, que devem acolher a Idade Média nos mais variados recursos disponíveis, seja em plataformas digitais como *Twitter* e *Facebook*, nos debates em sala de aula e nas páginas de revistas e no noticiário em geral. Não se trata, portanto, de buscar novos públicos, mas de interagir de forma mais efetiva com um público já constituído.

As produções oriundas da cultura popular também não podem ser utilizadas sem o rigor crítico exigido e, portanto, o uso da série *Game of Thrones* como forma de aproximação com o público não acadêmico configura-se em um insistente equívoco. Ainda que

“isso possa parecer um historiador acadêmico que zomba da cultura popular de sua torre de marfim (como o Salão Principal do Eyrie, mas mais agradável). Não é esse o caso: acho que vale a pena analisar *Game of Thrones* - mas como uma peça de literatura ou drama, não como história” (BYRNE, 2016, s.p, tradução nossa)¹².

Neste sentido, Richard Utz (2017) aponta que nem mesmo o cenário em que a série se desenvolve pode ser considerada de inspiração medieval. Desse modo, GoT deve ser analisado como artefato cultural, uma mistura de elementos diversos, uma forma de ‘bricolagem’ (ECO, 1989)¹³:

[...] nem o programa de TV nem a narrativa de George R.R. Martin estão realmente situados no “mundo medieval” da Eurásia a partir de c. 400 a 1500 CE. É verdade que Martin afirmou que as sociedades fictícias que ele criou são “fortemente fundamentadas na história” e devem servir como um corretivo contra o que ele chama de “Idade Média da Disneylândia”, repleto de “príncipes, princesas e cavaleiros de armadura brilhante”. No entanto, ao contrário da série anti-Disney igualmente corajosa *The Last Kingdom* (BBC, 2015) ou *vikings* (History, 2013), que ficcionam pessoas históricas identificáveis, eras, eventos e regiões, GoT é completamente desprovido de tais âncoras de autenticação. **Em vez disso, oferece um mundo autônomo, com sua própria geografia, idiomas, culturas e temporalidade não histórica distinta - um lugar totalmente “neo”, por assim dizer. Em vez de criar tipos tradicionais de autenticidade e autoridade históricas, ele se envolve em uma infinidade de referências culturais que têm uma sensação vagamente medieval** (a propósito, acho que é uma sensação pré-moderna,

11 Original: “[...] There is no Public Middle Ages, there is no Public History, because they’re both everywhere. It’s a truism (or should be) to say that the past was, is, and always will be a construction of the present”.

12 BYRNE, Philippa. Why medievalists should stop talking about *Game of Thrones*. *The Conversation*, 15 jun. 2016. Online. Acessado em 15 jun. 2020. Disponível em <<https://theconversation.com/why-medievalists-should-stop-talking-about-game-of-thrones-61044>>.

13 Umberto Eco (1989) entende por “bricolagem” a aglutinação de elementos heteróclitos na criação de um novo objeto, trata-se de um processo recorrente nas mídias de massa. Eco apresentou exemplos desse processo no livro *Viagem na irrerealidade cotidiana* (1984). O processo de bricolagem visa “fornecer um signo [...] que aspira a ser a coisa, e a abolir a diferença do remeter, a mecânica da substituição” (ECO, 1987).

porque o programa também ecoa as Guerras das Rosas e a Roma imperial). (UTZ, 2017, s.p., tradução e grifo nossos)¹⁴.

Enquanto no mundo anglófono predomina o termo “medievalismos”, no cenário alemão imperam os estudos de recepção da temática medieval (*Mittelalterrezeption*). No cenário francês, o designativo medievismo (*Médiévisme*), conforme observamos em Paul Zumthor (2009). No caso espanhol, tais discussões foram empreendidas por Jaume Aurell (2015).

O projeto “*Medieval Baltimore*”, desenvolvido desde 2009 pela professora Costa-Gomes (*Towson University*) e seus alunos de graduação, pretende ensinar a História Medieval a um público fora do contexto escolar e universitário a partir do medievalismo, isto é, das imagens populares da Idade Média¹⁵. A inspiração, segundo Costa-Gomes (2013), provém de outro projeto, o “*Guide of Medieval New York*” desenvolvido por Paul Halsall (*Fordham University*). Nele, Halsall defende a presença desse passado medieval nas ruas e edifícios, ainda que se trate de uma construção moderna¹⁶. Maria Cristina Pereira denomina essas práticas representacionais de “revivalismo”, isto é, as expressões de uma idade média ressuscitada em algo materialmente visível, por meio de sua arte e de sua arquitetura – elas também “restauradas”, imitadas ou inspirando novas obras (PEREIRA, 2011, p. 2).

O projeto de Costa-Gomes aproximou-se da paisagem urbana e sua arquitetura, procedendo a uma catalogação de edifícios com traços neogóticos e neorromânticos. Divide-se em três módulos que podem ser acessados através da internet, consistindo cada um deles em repositórios textuais, visuais e multimídias: 1) os edifícios, que compreendem as manifestações arquitetônicas; 2) os objetos, ao promover uma parceria entre museus existentes na cidade de Baltimore que albergam coleções de arte medieval; e 3) as pessoas. A partir dos três eixos mencionados, “[...] o projeto pedagógico tem o potencial de familiarizar os alunos com os diferentes usos do passado medieval na cultura americana”; contudo, ele não é um substituto para o trabalho direto com as fontes primárias (como os artefatos expostos nos museus locais). Desse modo, o projeto colaborativo “*Medieval Baltimore*” induz seus pesquisadores a objetivos variados, desde a se apropriarem da História Medieval e das habilidades de pesquisa, como também a “repensar as suas próprias sociedades urbanas”.

No sul do Brasil, na Universidade Federal de Pelotas, o *Polo Interdisciplinar de Estudos do Medievo e Antiguidade – POIEMA*, desenvolve práticas que muito se aproximam dessa abordagem de Costa-Gomes (2013). Desse modo, ainda que à primeira vista não pretendam construir uma Idade Média Pública, boa parte dos membros do laboratório analisam objetos oriundos da cultura *pop*. O gérmen deste laboratório pode ser rastreado no projeto “*Releituras do Medievo: a recepção da Idade Média (Mittelalterrezeption) do século XIX ao XXI*”, coordenado pela Profa. Dra. Daniele Gallindo

14 Original: “[...] neither the TV show nor George R. R. Martin’s narrative is really situated in “the ‘medieval world’ of Eurasia from c. 400 to 1500 CE.” True, Martin has claimed that the fictional societies he created are “strongly grounded in history” and meant to serve as a corrective against what he calls the “Disneyland Middle Ages” abounding with “princes, princesses and knights in shining armor.” However, unlike the similarly gritty anti-Disney series *The Last Kingdom* (BBC, 2015) or *Vikings* (History, 2013), which fictionalize identifiable historical persons, eras, events and regions, *GoT* is completely devoid of such authenticating anchors. Instead, it offers a world that is self-contained, with its own geography, languages, cultures and distinct non historical temporality -- a place entirely “neo,” so to speak. Rather than creating traditional kinds of historical authenticity and authority, it engages in a myriad of cultural references that have a vaguely medieval feel (by the way, I think it’s a premodern feel, because the show also echoes the Wars of the Roses and imperial Rome)”.

15 *Medieval Baltimore*. Acessado em 17 mai. 2020. Disponível em <<http://medievalbaltimore.net/>>.

16 Cf. Paul Halsall/Fordham University Fall 1996-Spring 1998 Classes Introduction to Medieval History. Acessado em 15 mai. 2020. Disponível em <<http://sourcebooks.fordham.edu/med/medny.asp>>.

Gonçalves Silva (PPGH-UFPEL), e desenvolvido no âmbito da literatura comparada, utilizando-se do comparativismo, da análise de discurso e da intermedialidade¹⁷. Além disso, o laboratório conta com um Ciclo de *live*-debates no perfil do Instagram que, dentre outros assuntos, discutiu a literatura cortês e as representações do feminino, as imagens do Mal no medievo e os “Bárbaros”¹⁸. Antes do surto pandêmico SARS-CoV-2, ofereceu-se minicursos de formação complementar com a participação de professores oriundos de outras universidades, a exemplo de um intitulado “*Minnesang*: Lírica medieval em alemão”, ofertado pelo prof. Dr. Detlef Goller da Universidade de Bamberg. Em 2021, cards com conteúdo de História Medieval foram elaborados por integrantes do Polo, além de ações como a *hashtag* ‘PoieimaRecomenda’ com recomendações de livros, filmes e jogos; mais recentemente, o laboratório desenvolveu a série ‘Acessibilidade no medievo’, com a apresentação mensal de recursos de acessibilidade que estiveram disponíveis às pessoas deficientes nas culturas medievais, tais como óculos, dispositivos protéticos, cavaletes de mão, muletas, dentre outros. Essas iniciativas tornaram acessíveis informações sobre a Idade Média a um maior número de interessados; também possibilitaram a divulgação dos trabalhos desenvolvidos pelos pesquisadores do POIEMA, proporcionando, inclusive, o ingresso de novos colaboradores no projeto estimulados pelo êxito de tal empreendimento. Ademais, em 2021 criou-se o blog do grupo de pesquisa POIEMA, que conta com a produção de textos de divulgação¹⁹. Para além desses aspectos, organizou-se dois eventos abertos a comunidade: o Café Arturiano – um programa sobre temas lendários e mitológicos do medievo e suas releituras, realizado entre março a julho de 2021; e a ‘Sexta Bárbara!’, entre setembro e outubro de 2021.

Na Unipampa, no *campus* das ciências humanas em Jaguarão/ RS, há o *Laboratório de Pesquisa e Estudo em História Medieval/LAPEHME*, coordenado pelo professor Dr. Edisson Cruzen, que tem desenvolvido cursos de extensão em parceria com a UFRGS como aquele intitulado “A circulação do saber na Idade Média, séculos VI-XVI”, além de grupos de leitura e exposições temáticas como “O Diabo, mil anos tocando o terror: imagens do mal entre os séculos XI e XXI”, realizada em setembro de 2019.

Outro grupo também atuante no Rio Grande do Sul é o *Virtù*, coordenado pelo prof. Dr. Francisco de Paula Mendonça Júnior, que desenvolve o projeto “*Wikimedieval*: Construção e difusão de conhecimento acerca de História Medieval e do Renascimento”, que conta com verbetes temáticos produzidos por alunos da graduação e pós-graduação da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM²⁰. O projeto visa a democratização do conhecimento acadêmico, servindo como uma ferramenta de ensino cuja utilização se destina sobretudo às escolas.

‘*Barbaridades Medievais*’ é outro projeto com o intuito de divulgar conteúdo qualificado sobre o medievo a pessoas que não sejam necessariamente oriundas do contexto universitário. Promovido pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), dedica-se tanto a História Medieval quanto a História Pública, sob a coordenação da Profa. Dra. Cláudia Bovo. As ações do projeto se manifestam

17 O projeto de pesquisa pode ser acessado através deste link: <<https://institucional.ufpel.edu.br/projetos/id/p9029>>. Acesso em: 17 mai. 2020.

18 Outro laboratório, o LECA – *Laboratório de Estudos sobre Cerâmica Antiga*, também investigou vestígios arquitetônicos - a presença do neoclássico na cidade de Pelotas -, com objetivos muito próximos aqueles inqueridos pelo grupo de alunos de Costa-Gomes (2013), ainda que referindo-se a uma temporalidade que lhe precede, sem reivindicar o qualificador de História Pública aos trabalhos produzidos.

19 Blog POIEMA-UFPEL. Online. Disponível em <<https://wp.ufpel.edu.br/poiema/category/blog>>. Acesso em: 1 set. 2022.

20 WikiMedieval: *Construção e difusão de conhecimento acerca de História Medieval e do Renascimento*. Disponível em <http://coral.ufsm.br/wikimedieval/index.php?title=P%C3%A1gina_principal>. Online. Acesso em: 17 dez. 2021.

por ‘quadros’ como “Muriel Indica”, com indicações semanais de filmes, games ou livros, e “Muriel desmente”, cuja bibliografia das postagens encontra-se disponível no link presente na biografia do perfil do Instagram; enfim, a *hashtag* “MurielTeConta” apresenta *cards* sobre a lepra na Idade Média, os celtas e o culto das águas, dentre outros.

O *Laboratório de Estudos Medievais - LEME* da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e da Universidade de São Paulo (USP)²¹ lançou o podcast “Estudos Medievais”, que abordou temas como *Games* e História e a invenção das Cruzadas. Recentemente lançou o podcast “Estudos Medievais, Mundos”, bem como produziu um Guia Medieval financiado pelo CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico²².

Dessa forma, considerou-se nesse artigo as plataformas digitais mantidas por grupos vinculados a instituições universitárias brasileiras, relacionados a seus respectivos cursos de História: UFPEL, UNIPAMPA, UFSM e UFMT. O objetivo principal destas consiste em informar um público não acadêmico sobre as discussões e reflexões sobre temáticas da área da História Medieval, assim como sistematizar as produções de pesquisadores latino-americanos, como é o caso do “Guia Medieval” (USP).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As inconsistências históricas inerentes às construções narrativas, textuais e imagéticas em produções advindas do medievalismo derivam, sobretudo, da sua natureza distinta de obras acadêmicas acasteladas nos acervos das bibliotecas, cujo alcance tradicionalmente esteve destinado à apreciação e validação pelos pares. A história pública recentemente evidenciou a necessidade de apropriação do material sobre história produzido por não historiadores para o público em geral. Em tais narrativas, cabe ao pesquisador atingir as intencionalidades subjacentes mobilizadas durante a sua criação. Nesse sentido, para reconstituir o estereótipo de medievo acionado por escritores, roteiristas e diretores embasam-se em informações extraídas de entrevistas concedidas, seja ao pesquisador ou ao público em geral.

Assim, o crescente interesse pela temática medieval não se traduziu necessariamente em interesse pela História Medieval. Trata-se, portanto, da usabilidade dos lugares comuns acerca da temporalidade a que remetem, e não do conhecimento acadêmico pelos aspectos e fenômenos circunscritos durante o milênio medieval. Como se observou, o cenário profícuo de publicações voltadas aos não especialistas não permite que as representações posteriores ao medievo sejam dispensadas do exercício intelectual do medievalista. Essas representações não são um mero adendo ao recorte de sua disciplina, mas instam a imediata incorporação dos usos do passado e da recepção medieval ao seu campo de pesquisa.

Nesse sentido, através dos projetos de história pública em desenvolvimento (UFPEL, UNIPAMPA, UFSM, UFMT e Unicamp/USP) no âmbito da História Medieval, é possível não apenas divulgar conteúdo fidedigno sobre aspectos e temáticas concernentes às muitas “Idades Médias”, como também democratizar o acesso às reflexões e trabalhos conduzidos por integrantes dos respectivos polos, laboratórios e grupos de pesquisa. Por outro lado, viabiliza-se a compreensão do período através de

21 LEME – *Laboratório de Estudos Medievais*. Online. Disponível em: <<https://leme.fflch.usp.br/>>. Acesso em: 17 dez. 2021.

22 *Guia Medieval*. Online. Disponível em: <https://guiamedieval.webhostusp.sti.usp.br/o-guia/>. Acesso em: 17 dez. 2021.

uma lente mais adequada, sem o uso da narrativa enviesada comumente atribuída à Idade Média - seja como época de obscurantismo/trevas ou como uma era dourada da civilização.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Néri de Barros. A Idade Média entre o “poder público” e a “centralização política”: itinerários de uma construção historiográfica. Belo Horizonte. *Varia História*: v. 26, n. 43, 2010, p.49-70.
- AMALVI, Christian. Idade Média. In: LE GOFF, Jacques e SCHMITT, Jean-Claude (Dir.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Bauru/SP: EDUSC/Imprensa Oficial, 2002, v. 1, p. 537-551.
- AMARAL, Ronaldo. O medievalismo no Brasil. *História Unisinos*: v. 15, n. 3, 2011, p. 446-452.
- ANDERSON, Perry. *Passagens da Antiguidade ao Feudalismo*. São Paulo: Editora brasiliense, 1987.
- AURELL, Jaume. O Novo Medievalismo e a interpretação dos textos históricos. *Roda da Fortuna*: v. 4, n. 2, 2015, p. 184-208.
- ALTSCHUL, Nadia R.; BERTARELLI, Maria E.; AMARAL, Clínio. Apresentação do Dossiê: O que é Neomedievalismo? *Revista Signum*: v. 22, n. 1, 2021, p. 6-18.
- BASCHET, Jérôme. *A Civilização feudal*. Do ano mil à colonização da América. São Paulo: Globo, 2006.
- BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da História. In: LÖWY, M. *Walter Benjamin*: aviso de incêndio. Trad. Walda nogueira Caldeira Brant. São Paulo: Boi Tempo 2005.
- BENNEWITZ, Ingrid. Die Sehnsucht nach wahren Geschichten Mittelalter-Rezeption in der deutschen Gegenwartsliteratur. In: SCHMIDT-HANNISA, Hans-Walter; KROBB, Florian (Eds.). *Weg und Bewegung: medieval and modern encounters*. Konstanz: Universitätsbibliothek Johann Christian Senckenberg, 2008, p. 15 - 24.
- BLOCH, Marc. *Apologia da História, ou, O ofício do Historiador*. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BYRNE, Philippa. Why medievalists should stop talking about Game of Thrones. *The Conversation*, 15 jun. 2016. Online. Acessado em 15 jun. 2020. Disponível em <<https://theconversation.com/why-medievalists-should-stop-talking-about-game-of-thrones-61044>>.
- COSTA-GOMES, Rita. Medieval Baltimore: using American Medievalism to teach about the European Middle Ages. *Imago Temporis*: v. 7, 2013, p. 355-369.
- ECO, Umberto. Dez modos de sonhar a Idade Média. In: ECO, Umberto. *Sobre os espelhos e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989, p. 74-85.
- ECO, Umberto. *Viagem na irrealidade cotidiana*. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984, p. 9-18.
- FRANCO JÚNIOR, Hilário. Raízes medievais do Brasil. *Revista USP*: v. 78, 2008, p. 80-104.

GABRIELE, Matthew. There is No Public Middle Ages, There is No Public History. *Postmedieval Forum*, s.d.. Online. Acessado em 2 set. 2022. Disponível em <<https://postmedieval-forum.com/forums/forum-v-public-middle-ages/there-is-no-public-middle-ages/>>.

LE GOFF, Jacques. *Em busca da Idade Média*. Trad. Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

LITTLE, Becky. How Hate Groups are Hijacking Medieval Symbols While Ignoring the Facts Behind Them. *History*, dez. 2017. Online. Acessado em 20 dez. 2021. Disponível em <<https://www.history.com/news/how-hate-groups-are-hijacking-medieval-symbols-while-ignoring-the-facts-behind-them>>.

MACEDO, José Rivair. Mouros e Cristãos: a ritualização da conquista no Velho e no Novo Mundo. *Bulletin du centre d'études médiévales d'Auxerre – BUCEMA*: 2009. Online. Acessado em 18 mai. 2020. Disponível em <<https://journals.openedition.org/cem/8632>>.

MACEDO, José Rivair; ESPIG, Márcia Janete. De Roncesvales ao Contestado: ressignificações da memória carolíngia na Península Ibérica e no Brasil. *Estudos Ibero-Americanos*: v. 25, n. 1, 1999, p. 135-159.

MATTHEWS, David. *Medievalism: a Critical History*. Boydell & Brewer, 2015.

MONGELLI, Lênia Márcia. Ariano Suassuna: a legenda e o real são uma coisa só! São Paulo. *Teresa – revista de Literatura Brasileira*: v. 18, 2017, p. 17-33.

PASTOUREAU, Michel. La Edad Media de Ivanhoe. Un best-seller en la época romántica. In: PASTOUREAU, Michel. *Una historia simbólica de la Edad Media occidental*. Trad. Julia Bucci. Buenos Aires: Katz, 2006, p. 367-378.

PEREIRA, Nilton Mullet; GIACOMONI, Marcello Paniz. A Idade Média imaginada: usos do passado medieval no tempo presente. In: *Café História – história feita com cliques*. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/usos-do-passado-medieval-idade-media/>. Publicado em: 09 set. 2019.

PEREIRA, Maria Cristina Correia Leandro. O revivalismo medieval e a invenção do neogótico: sobre anacronismo e obsessões. In: *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*. São Paulo: FFLCH/USP, 2011.

PERNOUD, Régine. *O mito da Idade Média*. Trad. Maria do Carmo Santos. Mira-Sintra: Publicações Europa-América, 1977.

PINSKY, Jaime. *O Modo de Produção Feudal*. São Paulo: Brasiliense, 1979.

PIRENNE, Henry. *Maomé e Carlos Magno*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2010.

SILVA, Daniele Gallindo Gonçalves. Sobre “cavaleiras”: a (re)criação do medievo em Cornelia Funke. *Pandaemonium ger.* [online]. 2016, vol.19, n.29, p.1-20.

SILVA, Marcelo Cândido da. A Idade Média e a América Latina. In: FAUAZ, Armando Torres (Ed.). *La Edad Media en perspectiva latinoamericana*. Heredia, Costa Rica: EUNA, 2018, p. 181-200.

UTZ, Richard. Noção de Idade Média: Nossa Idade Média, Nós Mesmos [Translated from “The Notion of Middle Ages: Our Middle Ages, Ourselves”]. Trad. Barbara Roma. *Roda da Fortuna - Revista Eletrônica sobre Antiguidade e Medievo*: v. 8, n. 2, 2019, p. 237-248.

UTZ, Richard. 'Game of Thrones' Among the Medievalists. *Inside Higher Ed*, 14 jul. 2017. Acessado em 18 mai. 2020. Online. Disponível em <<https://www.insidehighered.com/views/2017/07/14/why-game-thrones-shouldnt-be-used-effort-recruit-future-medievalists-essay>>.

WECKMANN, Luis. *La herencia medieval de México*. México: Fondo de Cultura Económica, 1999.

ZUMTHOR, Paul. *Falando de Idade Média*. São Paulo: Perspectiva, 2009.